



CLIFFORD GEERTZ E O “SELVAGEM CEREBRAL”: DO MANDALA AO CÍRCULO HERMENÊUTICO

JOHN C. DAWSEY*

“Nonada”

(João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*)

“Infeliz a terra que precisa de heróis”

Aprendemos com Clifford Geertz que “a separação entre as coisas que a pessoa diz e o modo em que elas são ditas – entre conteúdo e forma, substância e retórica, *l’écrit* e *l’écriture* – é tão traiçoeira na antropologia quanto na poesia, na pintura ou na oratória política”¹. Não é por acaso que a inflexão que os seus escritos produzem no campo da antropologia e nas múltiplas áreas do conhecimento humano ocorre de forma incisiva através de algumas coletâneas de ensaios, com destaque à *The Interpretation of Cultures* (1973). Mais do que qualquer outra, essa coletânea sinaliza a chamada virada interpretativa na antropologia. Depois viriam outras: *Local Knowledge*, em 1983, e *Available Light*, em 2000. Poderíamos ainda incluir *Works and Lives* (1988) e *After the Fact* (1995). Se *Negara: The Theatre State in Nineteenth-Century Bali* (1980), essa extraordinária demonstração etnográfica dos alcances de uma abordagem centrada na noção de ação simbólica, representa

o que se poderia chamar da obra prima de Geertz, o nome deste antropólogo, não obstante, associa-se principalmente ao conjunto de ensaios que se encontram em *A interpretação das culturas*, com destaque a “Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa” (publicado originalmente em 1972) e a “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura” (1973)².

A forma do ensaio associa-se às desconfianças de Geertz em relação às grandes teorias. Teorias, para Geertz, são construções provisórias que surgem de tentativas constantes, sempre renovadas, de nos situar e locomover em meio aos acontecimentos. Na tentativa de interpretar o que os acontecimentos têm a dizer, evita-se que a interpretação se divorcie do que acontece. Como diz Riobaldo, de João Guimarães Rosa: “O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”³. Isso não significa

* Professor Livre-Docente do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo e coordenador do Núcleo de Antropologia da Performance e do Drama (Napedra)/USP.

1 A World in a Text: How to Read ‘Tristes Tropiques’. In: *Works and Lives*. Stanford: Stanford University Press, 1988. p. 27 (minha tradução).

2 No período anterior à publicação de *The Interpretation of Cultures*, como resultado de suas pesquisas na Indonésia (Java e Bali) e Marrocos, Geertz publica cinco livros: *The Religion of Java* (1960), *Agricultural Involvement: The Processes of Ecological Change in Indonesia* (1963), *Peddlers and Princes* (1963), *The Social History of an Indonesian Town* (1965), e *Islam Observed: Religious Development in Morocco and Indonesia* (1968).

3 *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. p. 52.

tradução

que a teoria tenha apenas que se ajustar aos acontecimentos imediatos. Idéias teóricas, elaboradas a partir de casos acontecidos, tornam-se duráveis na medida em que se aplicam aos casos que estão por vir. Se deixarem de ser úteis em face de novos problemas interpretativos, elas são eventualmente abandonadas. De qualquer forma, teoriza-se dentro dos casos, mantendo-se atento ao terreno onde se anda, às surpresas e interrupções que se apresentam nos caminhos, fazendo-se uso de veredas e desvios quando for preciso. Daí, a predileção de Geertz pelo ensaio enquanto gênero narrativo. O ensaio tem algo de não-resolvido, inacabado. Convive com a incerteza. Geertz diz: “A qualidade gaguejante, não apenas dos meus esforços pessoais nesse sentido como também da ciência social interpretativa em geral, não resulta (...) de um desejo de mascarar a evasão com algum novo tipo de profundidade, nem de voltar-se contra a razão. Trata-se simplesmente do fato de que, em um empreendimento tão incerto, não sabemos exatamente por onde começar, e, quando começamos, em que direção continuar”⁴.

O ensaio aqui traduzido, “The Cerebral Savage: On the Work of Claude Lévi-Strauss”, publicado originalmente em 1967, faz parte da coletânea *The Interpretation of Cultures*. Sua tradução vem reparar um certo esquecimento ao qual foi relegado, juntamente com outros cinco ensaios, devido à sua ausência na versão reduzida de *A Interpretação das Culturas*, publicada no Brasil em 1978. O ensaio constitui o décimo terceiro dos quinze capítulos que

compõem o livro publicado nos Estados Unidos, antecedendo o capítulo sobre “Pessoa, tempo e conduta em Bali” e o ainda mais célebre “Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa”.

Diante da obra monumental de Lévi-Strauss, dado por muitos como a maior expressão da teoria antropológica do século 20 e, por enquanto, do século 21, Geertz manifesta-se na forma de um ensaio. Se a grande teoria sinaliza algo como um momento de chegada – um barranco, quem sabe – de onde se avista a grandeza do rio, o ensaio evoca a travessia de quem, sabendo que “viver é muito perigoso”, toma os seus devidos cuidados com realidades muito profundas⁵. Seja como for, seria difícil, ou até mesmo impossível, imaginar a antropologia contemporânea sem um ou outro, Lévi-Strauss ou Geertz, como também impossível seria imaginar o sertão de João Guimarães Rosa sem o título em contraponto, *Grande Sertão: Veredas*.⁶

A seguir, pretendo explorar um tema que se apresenta em “The Cerebral Savage...” e atravessa os escritos de Geertz: a busca do “ponto de vista do nativo” e sua relação com a teoria. Farei isso em três momentos.

4 Introduction. In: *Local Knowledge*. New York: Basic Books, 1983. p.5-6 (minha tradução).

5 A citação de João Guimarães Rosa pode ser sugestiva: “Ah, tem uma repetição, que sempre outras vezes em minha vida acontece. Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na idéia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso?” (João Guimarães Rosa, p.26).

6 Ver a discussão de BOLLE, Willi. grandesertão.br ou: A INVENÇÃO DO BRASIL. In: MADEIRA, Angélica e VELOSO, Mariza (orgs.). *Descobertas do Brasil*. Brasília: Editora UnB, 2000. p. 165-236.

O círculo do mandala

Se evocamos a etimologia da palavra teoria, que, assim como teatro, nos remete ao “ato de ver” (do grego *thea*), o empreendimento teórico sugere algo que poderíamos chamar, tal como Barthes chamou o teatro, de um “cálculo do lugar olhado das coisas”⁷. A antropologia mantém uma relação curiosa com a teoria. Ela brinca com o perigo. Sacaneia a si mesma assim como aos outros campos do saber. A etnografia, que constitui uma espécie de ritual de passagem do antropólogo, visa produzir justamente o deslocamento do lugar olhado das coisas. Assim, teorias existentes, da antropologia e de outras disciplinas, são submetidas a estados de risco. Acima de tudo, busca-se, de acordo com a formulação clássica, o “ponto de vista do nativo”. Dessa forma, com efeitos de estranhamento possivelmente atordoantes, teorias são colocadas à prova. Em meio aos detritos das que sucumbem, espera-se que outras, ainda mais vigorosas do que as que subsistem, venham.

A antropologia tem os seus heróis. Lévi-Strauss, talvez até pelo modo em que o mesmo se dissolve, espelhando o vazio, é um deles⁸. (*Nonada*, o imagino dizendo na voz de Riobaldo). O sertão brasileiro, que já produziu monges, santos, bandidos e heróis, também produziu Lévi-Strauss. Sua jornada de proporções épicas, retratada em

Tristes Tropiques e discutida por Geertz em “The Cerebral Savage...”, evoca uma viagem através de círculos concêntricos – passando por Caduveo, Bororo, e Nambikwara – em direção ao intocado pelo “homem branco”: o ser puro, não contaminado pela Civilização. Ao encontrá-lo, na forma do Tupi-Kawahib, Lévi-Strauss depara-se com o vazio. Não compreende esse outro, nem há como compreendê-lo. Eis o paradoxo: compreende-se o outro na proporção em que o outro tenha sido contaminado pelo não-outro “civilizado”. O verdadeiramente outro, o que preserva a sua alteridade, não se deixa apreender. No cerne de sua experiência etnográfica no sertão, nos limites da hermenêutica, Lévi-Strauss depara-se não com “o ponto de vista do nativo”, que permanece opaco, mas, simplesmente, com o nada – evocativo, poderíamos sugerir, do centro de um círculo do mandala.

Destituído do “ponto de vista do nativo”, a teoria de Lévi-Strauss irrompe como uma fênix das cinzas. Trata-se do efeito de um duplo deslocamento. O que temos aqui não é o estranhamento de quem se posiciona no lugar do “nativo”, nem sequer o estranhamento produzido pelo movimento saltitante, aqui e ali, entre a teoria antropológica e o “ponto de vista do nativo”. Algo se infere. Lévi-Strauss olha (teoriza) do lugar não-óbvio, não a partir desse ou daquele “ponto de vista”: no redemoinho que interrompe o fluxo da experiência ilusória de realidades empíricas, os seus olhos espelham o vazio.

Se o encontro etnográfico dessas páginas de *Tristes Tropiques* evoca algo como a experiência de um monge budista no sertão, ele também sugere alguns dos

7 Diderot, Brecht, Eisenstein. In: BARTHES, Roland. *O Óbvio e o obtuso: ensaios críticos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p.85.

8 Ver, a esse respeito, o ensaio de SONTAG, Susan. *The Anthropologist as Hero*. In: *Against Interpretation*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1966. Reeditado em HAYES, Nelson e HAYES, Tania (eds.) *The Anthropologist as Hero*. Cambridge: MIT Press, 1970. p. 184-96.

tradução

caminhos pelos quais, com ajuda de Saussure, Trubetskoy e Jakobson, o vazio se configura, para Lévi-Strauss, como espaço do inconsciente. A passagem é impressionante. Descobre-se um sertão profundo. A cultura revela-se como uma dobra reflexiva da natureza, uma estória – pode-se dizer, fazendo uma “desleitura” de Geertz – que a natureza conta sobre ela para si mesma. Não se apreende o Tupi-Kawahib. No estilhaçamento do significado, descobre-se a primazia do significante e da atividade do inconsciente. O que irrompe desse (des)encontro fecundo do etnógrafo com o outro não é uma teoria como outras, capaz de produzir um ordenamento formal dos elementos do caos, mas uma apreensão do vazio enquanto espaço de um inconsciente primordial e do inconsciente enquanto atividade estruturante de onde surgem, como efeitos de superfície, os “pontos de vista de nativos”, as culturas e as próprias teorias. Assim, a partir de um duplo deslocamento, repudiando a experiência do etnógrafo e dissolvendo o “ponto de vista do nativo”, Lévi-Strauss descobre na obra do inconsciente um universo sensível de simetrias, operações lógicas e contrastes binários.

O círculo hermenêutico

Se o (des)encontro etnográfico de Lévi-Strauss no sertão brasileiro proporcionava à antropologia o exemplo de uma combinação curiosa, de proximidade intelectual e distanciamento do olhar, a publicação dos diários de Malinowski, em 1967, evento que produziu tremores na academia, sinalizava, para alguns, um (des)encontro simétrico inverso: um olhar

de perto combinado com um distanciamento intelectual e emotivo⁹. Como captar o “ponto de vista do nativo”? Evitando o duplo deslocamento de Lévi-Strauss – da espécie que se adquire em travessias de sertões ou Himalaias –, Geertz evoca a imagem de um outro círculo, não do mandala, mas hermenêutico. “Saltando-se em duas direções, para trás e para frente, entre um todo percebido através das partes que o atualizam e as partes concebidas através do todo que as motiva, procuramos transformá-las, por meio de um tipo de movimento intelectual perpétuo, em explicações uma da outra”¹⁰. Trata-se menos da busca de comunhão com o nativo – seja através da empatia, seja da dissolução de antropólogos e nativos na “unidade psíquica do ser humano” – do que de um exercício parecido com o da interpretação “de um poema ou de uma piada”.

Procurando entender a “visão do nativo” como algo que se manifesta através de ação simbólica, busca-se “um alargamento do universo do discurso humano”¹¹. O deslocamento do lugar olhado das coisas que a etnografia possibilita tem menos a ver com a revitalização da teoria, como um fim em si mesmo, do que com o propósito de se situar em contexto para fins de estabelecer um diálogo.

9 Trata-se da publicação de *A Diary in the Strict Sense of the Term*. Stanford: Stanford University Press, 1967.

10 From the Native's Point of View: On the Nature of Anthropological Understanding. In: *Local Knowledge*, New York: Basic Books, 1983. p.69 (minha tradução).

11 Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978 (1973). p. 24.

Assim se reduzem expectativas em relação às proezas de antropólogos e suas teorias: o *available light* de Geertz tem muito menos a ver com uma “nova luz” na antropologia do que com uma luz à qual podemos recorrer¹². Também se reduzem as expectativas em relação à ordem do mundo. O ofício do antropólogo requer um domínio nem tanto sobre a desordem, mas sobre as *relações* com ela. “Não há nada tão coerente como a ilusão de um paranóico ou a estória de um trapaceiro”¹³.

“Somos todos nativos”

A obra de Lévi-Strauss apresenta-se para Geertz como “uma realização estonteante, que merece inteiramente a atenção que vem recebendo”¹⁴. Mesmo assim, do mesmo jeito que Lévi-Strauss encontra no nativo um teórico, Geertz encontra no teórico um nativo. A obra de Lévi-Strauss não deixa de ser, no final das contas, um “ponto de vista do nativo” também. “Agora somos todos nativos”¹⁵. Talvez as “estruturas profundas” de onde surge essa obra nem sejam tão profundas quanto se poderia supor: trata-se de uma das manifestações – “estonteante”, sem dúvida – do “racionalismo universal do Iluminismo francês”. O feitiço volta-se contra o feiticeiro. A questão que o próprio

Lévi-Strauss levantara em *Raça e história* em relação ao evolucionismo cultural e ao preconceito da igualdade que às vezes se insinuam na premissa da “unidade psíquica do ser humano” é devolvida por Geertz: iguais a quem? Agora até mesmo os “selvagens” viraram franceses cerebrais.

No seu (des)encontro com os Tupi-Kawahib, Lévi-Strauss via-se diante de um paradoxo: o contato com o outro, que permitiria nosso acesso a ele, também reduz, via tradução, a sua alteridade. Geertz também diz: muito se perde na tradução. Porém, se não quisermos abandonar a busca do “ponto de vista do nativo” nem ficar num estado de “mero fascínio maravilhado” – como uma vaca balinesa “olhando para uma orquestra *gamelan*” –, trata-se de dizer algo¹⁶. Embora muito se perca, algo também se descobre¹⁷. Se a tradução requer um movimento que transforma o estranho em familiar, ela também proporciona um movimento inverso, capaz de provocar, em relação ao familiar, um efeito de estranhamento. As formas expressivas atuam “desarrumando os contextos semânticos”¹⁸. Tal como vemos nas brigas de galos e nas cremações de viúvas balinesas, as culturas manifestam-se através de momentos reflexivos, como “espelhos mágicos”, produzindo efeitos de estranhamento em relação a si mesmas e brincando com o

12 *Available Light* foi recentemente traduzido e publicado no Brasil com o título de *A Nova Luz na Antropologia*.

13 *Ibid*, 1978:28.

14 *A World in a Text: How to Read ‘Tristes Tropiques’*. In: *Works and Lives*. Stanford: Stanford University Press, 1988. p. 27.

15 *The Way We think Now: Ethnography of Modern Thought*. In: *Local Knowledge*. New York: Basic Books, 1983. p. 151.

16 *Negara: O Estado Teatro no Século XIX*. Lisboa e Rio de Janeiro: DIFEL e Editora Bertrand do Brasil, 1991(1980). p. 132-3.

17 *Found in Translation: On the Social History of the Moral Imagination*. In: *Local Knowledge*. New York: Basic Books, 1983.

18 Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa. In: *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978 (1973). p.315.

tradução

perigo¹⁹. “Interpretando interpretações”, antropólogos fazem o mesmo. São traficantes do insólito. Mas, em “The Cerebral Savage...” algo se descobre justamente no movimento que revela o lado familiar do extraordinário. Dessa forma, também, o círculo hermenêutico pode surpreender. A partir de um assombro, a experiência do vazio no sertão, Lévi-Strauss produziu uma obra extraordinária, até mesmo “estonteante”. Em seu ensaio, porém, talvez com a idéia de não se deixar virar uma vaca balinesa, Geertz produz um efeito de despertar. Até mesmo “estruturas profundas” têm os seus contextos. Há algo estranhamente familiar no “selvagem

cerebral”. De forma característica, o ensaio encerra-se com uma porção de perguntas. Talvez seja essa a contribuição maior do exercício da tradução, tal como a que vem a seguir: ela nos apresenta coisas boas para *fazer* pensar.

Mas há algo também estranhamente familiar, talvez, diria Lévi-Strauss – sorrindo por último? –, neste ensaio sobre um ensaio, que, prestes a ser abandonado, não deixa de relampear como mais um efeito de superfície carregado de oposições fecundas: Lévi-Strauss e Geertz, mandala e círculo hermenêutico, grande teoria e ensaio, *Grande Sertão: Veredas*. Mas...²⁰

19 “Brincando com o fogo” é um dos subtópicos de “Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa”. Creio que a metáfora de “espelhos mágicos”, sugerida por Victor Turner em diversos escritos, é apropriada também para a abordagem que Geertz procura desenvolver. Para uma referência em Turner, ver *Images and Reflections: Ritual, Drama, Carnival, Film, and Spectacle in Cultural Performance*. In: *The Anthropology of Performance*. New York: PAJ Publications, 1987. p. 22.

20 Clifford Geertz tampouco deixaria de sorrir – vendo-se sendo visto, tal como num espelho, neste ensaio sobre um ensaio, escrito sob o signo da Antropologia da USP, num ano que comemora 70 anos de uma linhagem que remonta ao próprio Lévi-Strauss e de uma das iniciativas mais curiosas, senão “estonteantes”, de se criar uma versão tropical, num registro *tristes-tropiques*, do “racionalismo universal do Iluminismo francês”.



O SELVAGEM CEREBRAL: SOBRE A OBRA DE CLAUDE LÉVI-STRAUSS¹

CLIFFORD GEERTZ

TRADUÇÃO: ANTONIO MAURÍCIO DIAS DA COSTA*

REVISÃO DA TRADUÇÃO: JOHN C. DAWSEY**

“Hoje, às vezes me pergunto se não fui atraído pela antropologia, de forma inconsciente, pela afinidade estrutural entre as civilizações que são seu objeto e os meus próprios processos mentais. Minha inteligência é neolítica.”

Claude Lévi-Strauss, *Tristes Tropiques*

I

O que dizer, enfim, sobre os selvagens? Mesmo agora, depois de três séculos de debate sobre a questão – se eles são nobres, bestiais ou mesmo como você e eu; se raciocinam como nós, se estão mergulhados num misticismo demente ou se possuem as mais altas formas de verdade que nós perdemos com nossa avareza; se seus costumes, do canibalismo à matrilinearidade, são meras alternativas, nem melhores nem piores, aos que adotamos ou rudes precursores, agora ultrapassados, ou, ainda, um ajuntamento de coisas exóticas, passageiras, estranhas, impenetráveis e divertidas para colecionar;

se os selvagens estão presos e nós estamos livres ou se nós estamos presos e eles estão livres – no final de tudo isso, ainda não sabemos. Para o antropólogo, cuja profissão é estudar outras culturas, o quebra-cabeça está sempre consigo. Sua relação pessoal com seu objeto de estudo é, talvez mais do que para qualquer outro cientista, inevitavelmente problemática. Saiba o que ele pensa que é um selvagem e você terá a chave de seu trabalho. Saiba o que ele pensa que é e você saberá que tipo de coisa ele vai dizer sobre qualquer tribo que ele esteja estudando. Toda etnografia é, em parte, filosofia, e grande parte do restante é confissão.

No caso de Claude Lévi-Strauss, *Professor* de Antropologia Social do *Collège de France* e atualmente o centro das atenções – atenções que homens como ele, que passam a vida estudando povos distantes, não usufruem normalmente –, separar os elementos espirituais dos descritivos é particularmente difícil. Por outro lado, nenhum antropólogo foi mais insistente no fato de que a prática de sua

1 GEERTZ, Clifford. *The Cerebral Savage: on the work of Claude Lévi-Strauss* In: *The Interpretation of Cultures*. New York: Basic Books, 1973. p. 345-359.

* Doutorando em Antropologia Social da Universidade de São Paulo e membro do Núcleo de Antropologia Urbana/USP.

** Professor Livre-Docente do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo e Coordenador do Núcleo de Antropologia da Performance e do Drama (Napedra)/USP.

tradução

profissão consistiu numa busca pessoal, direcionada por uma visão pessoal e dirigida a uma salvação pessoal:

Devo à humanidade tanto quanto ao conhecimento. História, política, o universo social e econômico, o mundo físico, mesmo o céu, tudo me rodeia em círculos concêntricos e posso somente escapar desses círculos no pensamento se atribuo a cada um deles parte do meu ser. Como o seixo que marca a superfície da onda com círculos quando a atravessa, devo me atirar na água se procuro sondar as profundidades.

Por outro lado, nenhum antropólogo reivindicou mais para a etnologia como uma ciência positiva:

O objetivo último das ciências humanas não é constituir o homem, mas dissolvê-lo. A importância crítica da etnologia é que ela representa o primeiro passo num processo que inclui outros. A análise etnográfica tenta alcançar invariantes para além da diversidade empírica das sociedades... Este empreendimento inicial abre caminho para outros... que desembocam nas ciências naturais: a reintegração da cultura na natureza e, amplamente, da vida na totalidade das suas condições físico-químicas... Pode-se compreender, portanto, porque encontro na etnologia o princípio de toda a pesquisa.

No trabalho de Lévi-Strauss, as duas faces da antropologia – como um modo de dirigir-se ao mundo e como um método de descobrir relações cientificamente

constantes entre os fatos empíricos – são colocadas frente a frente, para forçar um confronto direto entre as duas, em vez de (como é mais comum entre os etnólogos) apartadas, o que evita tal confronto e as tensões internas que isso acarreta. Isso explica tanto o poder quanto o encanto maior de sua obra. Há nela um atrevimento e uma espécie de franqueza imprudente. Mas eis aqui, também, a razão da suspeita mais intra-profissional de que o que é apresentado como Alta Ciência seja, na verdade, um esforço engenhoso, cheio de rodeios, para defender uma posição metafísica, fazer avançar um argumento ideológico e servir a uma causa moral.

Talvez não haja aqui nada terrivelmente errado, mas, como no caso de Marx, é bom se precaver para que uma atitude perante a vida não seja tomada como uma simples descrição dela. Todo homem tem o direito de criar seu próprio selvagem para seus propósitos particulares, o que talvez todo homem faça. Mas demonstrar que tal selvagem construído corresponde aos aborígenes australianos, aos povos tribais africanos ou aos indígenas brasileiros é totalmente outra questão.

As dimensões espirituais do encontro de Lévi-Strauss com seu objeto de estudo e o que o tráfego com os selvagens significou para ele pessoalmente são coisas particularmente fáceis de descobrir, já que ele as registrou, com eloqüência figurada, numa obra que, apesar de estar muito longe de ser um grande livro de antropologia, ou mesmo um que seja especialmente bom, é certamente um dos livros mais bem feitos já escritos por um antropólogo: *Tristes*